

UM OLHAR OUTRO

Na semana da tomada de posse dos órgãos autárquicos, impõe-se agora um olhar mais distante sobre as eleições locais passadas. Com maior razão ainda quando há tempos o Papa Francisco não cuidou das palavras e atirou directo: «é pecado não rezar pelos governantes, pelos políticos», assunto que o nosso Arcebispo retomou também.

Quando ouvi a interpelação, confesso que não a estranhei mas também não a valorizei demasiado. Porque, de facto, ao menos na liturgia, a oração dos fiéis raramente não inclui os «governantes das nações» ou «aqueles que exercem o poder». Deste modo, a missa dominical não é um espaço apenas para os crentes, mas estes sentem-se e são educados para rezar pelos que detêm o poder, para que o exerçam ao serviço do bem comum. Também aqui se exprime uma sábia laicidade, aquela que separa a esfera religiosa ou espiritual da temporal, mas que, na oração dos crentes, acaba por unir os dois «mundos». Sim, a política nunca pode ser alheia à fé, enquanto arte ao serviço do bem comum. E os cristãos sabem-no e são orientados para o respeito mútuo, para a oração pelos que nos governam e para não se aproveitarem do «serviço ao altar» para se promoverem ou adquirir votos.

Este «olhar» tem em conta a situação vivida no nosso país – uma nova tragédia de incêndios que ceifou mais 44 vidas e deixou-nos «impotentes» diante de tal desgraça, que abalou seriamente os fundamentos do governo do país e mesmo as instituições democráticas – bem como a situação que se vive na Catalunha, a pôr em causa o futuro da União Europeia, o que nos traz inseguros e fragilizados. Voltamos às eleições, que geraram novas configurações do poder autárquico. Se os cristãos rezam pelos seus autarcas é porque acreditam que eles se candidataram para servir. E não servirem-se. E sabemos que tal é verdade. Apesar de sabermos também que há eleitos que se candidataram por interesses próprios. Pediram-nos um voto de confiança. E concedemo-lo. Logo, mantemos o direito de «pedir contas»: que estão a fazer do nosso voto?

Em campanha, muitos prometeram o que sabiam não poder cumprir. Rejeitados, ficaram com as promessas, provavelmente a voltarem dentro de quatro anos. Outros, sabendo das hipóteses de vitória, foram mais cuidadosos nas promessas: será mais fácil cumprir e segurar o mandato. Aqueles que foram «generosos» nas promessas, apesar de saberem não haver meios para as cumprirem, terão agora a humildade de pedirem desculpa e explicarem porque é que elas não são viáveis? Ou cairão na tentação de as iludir ou até de as cumprir custe o que custar quando os custos não as justificam e o bom senso aconselha, ao menos, a suspendê-las? Vencedores e vencidos, ou seja, governo e oposição, têm agora a missão do diálogo possível para a paz social e o desenvolvimento necessário. As medidas a tomar não podem ter como objectivo apenas uma promessa eleitoral. É que quem governa tem de ter a sensatez de confrontar o possível com o ideal, a partir dos meios de que dispõe. E esta tarefa pertence não só aos que governam mas também àqueles que são oposição. Esta dignifica-se quando, opondo-se, justifica porque apresenta melhores e mais eficazes vias de actuação.

É natural, em democracia, que as máquinas partidárias tenham interesses próprios. Mas não devem ter eles prioridade sobre o bem comum. É escandaloso, ofensivo até dos eleitores, os gastos sumptuosos suportados pelo erário público, sobretudo quando se espera e desespera por obras necessárias, várias vezes prometidas. Gerir a causa pública implica um permanente respeito pelo suor dos eleitores que, por impostos, permitem o funcionamento das autarquias.

Quer o que se passa na Catalunha, quer o que se acaba de passar entre nós com a tragédia dos incêndios traz à luz do dia uma outra preocupação bem mais séria: que valores vivem, na vida pessoal e na vida política, aqueles que nos governam? Que respeito têm eles pela história dos povos que governam e para onde os querem conduzir? É que se não faz parte da acção política, das decisões após discussão, a consideração do passado de um povo, com as componentes da sua identidade específica, bem como a prossecução de um horizonte de esperança, que dê alegria de viver e sentido de futuro, então não passarão de fracos gestores do dia a dia, esquecendo que lideram, precisando de ideias novas e de objectivos alargados. Não é dos particulares que se esperam obras de desenvolvimento que envolvem milhões mas que fazem falta para o bem de todos. Porque continuam apenas no campo das promessas tantas obras estruturais anunciadas há décadas? Obras que precisam de gente «rasgada», de equipas que amadureçam, planeiem e executem de imediato e não só para a véspera de novas eleições.

Num tempo em que surgem populismos que estavam adormecidos, precisamos de autarcas de bom senso, que saibam conduzir o povo para valores mais elevados, que dignifiquem o passado e honrem o presente.

O Prior de Barcelos – P. Abílio Cardoso

ENCERRAMENTO DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES EM BARCELOS



Entre nós, o encerramento do Ano Centenário das aparições de Fátima procurou destacar dois «monumentos».

1. O incremento da verdadeira devoção a Nossa Senhora, sobretudo com a devoção dos Primeiros Sábados;

2. Um «padrão» inaugurado no dia 13 de Outubro, que, no átrio das salas de catequese, lembra para o futuro, sobretudo às crianças que vão ali crescendo na fé, que é para a Luz que todos nós caminhamos e que, em Fátima, Nossa Senhora nos veio encaminhar para Jesus, pela conversão do coração. O padrão, circular, atrai para a luz e lembra os três pastorinhos, que se deixaram ensinar por Maria, Mãe de Jesus.



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XIII - Nº 43 - 22 de Outubro de 2017

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

O que será de César que não seja de Deus?

Era uma armadilha a pergunta que os enviados dos fariseus e herodianos puseram a Jesus. Como em tantas outras ocasiões, Jesus, que lhes conhece bem as maldades, responde confundindo-os, incapazes que estão pela malícia do seu coração, de entender que o Mestre se situa numa relação de intimidade com o Pai, que propõe a todos como caminho de construção do seu reino. Não um reino à semelhança dos reinos do mundo, como o do imperador César de Roma, ou o de Ciro, outrora estabelecido em Babilónia. Não, o reino de que Jesus fala está no coração de cada ser humano, chamado a transformar-se, a cuidar da imagem de Deus em si próprio. E a resposta confunde-os porque Jesus convida-os a passar do pagar ao dar. Do pagar um tributo ao dar, ou seja a sair de uma obrigação para se passar a uma doação. A vida é dom que se recebe de Deus. E a imagem da moeda, objecto da cilada, lembra que todos fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Ou seja, diante de César, como diante de Deus, somos todos seres que recebemos a vida como dom de Deus.

A frase que Mateus regista (Mt 22, 15-21) é apontada como fundamento para uma separação entre a Igreja e o Estado. Se, ao longo da história, a Igreja ocupou quase todo o espaço público, fê-lo como serviço aos cidadãos, crentes ou não, católicos ou não. Será legítimo o juízo condenatório do nosso tempo sobre o passado de séculos em que a Igreja Católica cimentou uma civilização cristã, fundamento dos direitos humanos e dos códigos mais humanistas?

A Igreja Católica reconhece autonomia à esfera política, que cuida da organização da sociedade em vista do bem de todos. E não reivindica uma hegemonia como a de outrora; pelo contrário, colabora no bem comum, a partir do seu espaço próprio, o do anúncio do evangelho a todos, no respeito pela liberdade de todos. O que ela pretende é uma sábia laicidade em que o Estado lhe garante toda a liberdade de agir na proclamação do Evangelho de Jesus e de, para tal, se organizar livremente. Passou o tempo das interferências mútuas. A verdade, porém, é que não faltam tentativas de ingerência na vida da Igreja por parte de políticos laicistas, que a querem ver subjugada e não livre. E fazem-no em nome do politicamente correcto, numa traição à história e num abuso da boa fé do povo, muitas vezes desconhecedor da história.

Quando vemos, com igual legitimidade, regimes concordatários diferentes que funcionam bem, ao lado de monarquias em que a Igreja (de Inglaterra) está sob a autoridade da rainha, ou democracias em que o bispo é o «príncipe» reinante (Andorra), apercebemo-nos de que a matriz cristã gerou diversas formas de organização social em que Igreja e Estado convivem no serviço aos mesmos cidadãos. Longe estamos, felizmente no Ocidente, dos regimes teocráticos do mundo islâmico, sempre ameaçados com o radicalismo da sharia.

Tudo é de Deus, dizemos nós. Mas Jesus disse que também César é de Deus. Logo, os césores de todos os tempos, mesmo que pagãos como Ciro, não ficam de fora da construção do reino de Deus. A todos pertence a missão do discernimento das situações em ordem à sábia convivência de todos. Correndo, se necessário, o risco de denúncia das injustiças e prepotências que desfiguram o ser humano. Sim, porque, como diz o salmista, a glória de Deus é o bem do ser humano.

Em Dia Mundial das Missões, o apelo do Papa (a missão está no coração da fé cristã) não deixa de fora a necessidade do testemunho de vida dos cristãos, levado ao perto e ao longe. Ao perto, também ao mundo da política e das autarquias, chamadas a governar no respeito da história de um povo e dos valores da nossa civilização cristã. Ao longe, chegando a todas as periferias, que podem estar ao nosso lado sem nos darmos conta.

PROCISSÃO AO CEMITÉRIO - 1 DE NOVEMBRO

Aproxima-se o mês de Novembro que, na tradição católica, é dedicado às Almas do Purgatório. Os Fiéis Defuntos são aqueles que nos precederam na morte marcados pelo sangue redentor de Jesus. A Igreja exorta a fazermos comunhão com eles na oração de sufrágio, afirmando a nossa fé na ressurreição dos mortos.

A Confraria das Almas promove a tradicional procissão ao cemitério, com a celebração da Eucaristia, no dia 1, quarta-feira, saindo às 14.30 da Igreja Matriz. Não haverá missa na Igreja do Terço nessa tarde.

Pede-se às irmandades e confrarias que participem com as suas insígnias.

28 OUTUBRO 2017 - 17h
IGREJA SENHOR DA CRUZ (BARCELOS)

CONCERTO
Centenário
de Fátima

Pedro Miguel Nunes | cantor
Maria José Carvalho | cantora
Serguey Arutunian | 1º Violino
Larissa Shomina | 2º Violino
Katerina Mikusova | Violoncelo
Artur Caldeira | Guitarra/Conteúdo

Concerto oferecido à CIDADE DE BARCELOS pela CLÍNICA MEDICINA DENTÁRIA JOÃO PIMENTA POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DO DR. JOÃO PIMENTA

O Prior de Barcelos – P. Abílio Cardoso

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXIX DOMINGO DO TEMPO COMUM**
Aclamai a glória e o poder do Senhor
Segunda, 23 – S. João de Capistrano

 Leituras: Rom 4, 20-25
Lc 12, 13-21

Terça, 24 – S. António Maria Claret

 Leituras: Rom 5, 12. 15b.17-19. 20b-21
Lc 12, 35-38

**Quarta, 25 – Leituras: Rom 6, 12-18
Lc 12, 39-48**
**Quinta, 26 – Leituras: Rom 6, 19-23
Lc 12, 49-53**
Sexta, 27 – B. Gonçalo de Lagos

 Leituras: Rom 7, 18-25a
Lc 12, 54-59

Sábado, 28 – S. Simão e S. Judas

 Leituras: Ef 2, 19-22
Lc 6, 12-19

DOMINGO, 29 – XXX DO TEMPO COMUM

 Leituras: Ex 22, 20-26
1 Tes 1, 5c-10
Mt 22, 34-40

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 23 – Maria Cândida Barbosa da Costa
Terça, 24 – Francisco Duarte de Carvalho
Quarta, 25 – Albina da Rocha Arantes e marido
Quinta, 26 – Intenções colectivas:

- Manuel João Jesus Amaral
- Cândida Pereira Ferreira Lima e marido
- Delfim Manuel Coelho Lopes
- Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel
- Aires Marques e Barcelice de Jesus Cordeiro
- Mário José de Jesus Lopes (30º dia)

Sexta, 27 –
Sábado, 28 – Intenções colectivas:

- Leonel da Quinta Fernandes
- Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio
- Maria Rosalina Lopes Coelho
- Maria Isolete e Luís Brás de Afonseca
- Amélia Alda Amaral Neiva (aniv. nascimento)

**Domingo, 29 – 11.00 – Missa pelo povo
19.00 –**


CUIDADO COM A «TEOFOBIA»

1. Na «era dos extremos» (Eric Hobsbawm), estamos a assistir ao excruciante combate entre um fundamentalismo e um fanatismo.

Em campos opostos encontramos um «fundamentalismo religioso» (que quase todos denunciam) e um «fanatismo anti-religioso» (em que praticamente ninguém repara).

2. Os dois querelam, permanentemente, no espírito humano e no espaço público. De um lado há quem imponha determinadas concepções de Deus. Do outro lado não falta quem implante uma completa ausência de Deus.

3. Há locais onde os sinais religiosos surgem em toda a parte. E há lugares onde a menor referência espiritual é repelida a todo o custo.

Os regimes «teocráticos» convivem, deste modo, com comportamentos cada vez mais «teofóbicos». Ambos conflituam, flagrantemente, com a liberdade.

4. É óbvio que a presença de Deus não pode ser forçada. Mas será que a Sua ausência deverá ser imposta? Ninguém pode obrigar alguém a ter fé. Mas será legítimo impedir quem quer que seja de assumir a fé que possa ter?

5. Todos aceitamos que, numa sociedade livre, os cidadãos podem manifestar publicamente as suas opções políticas, culturais e desportivas.

Porque é que os mesmos cidadãos não hão-de poder manifestar publicamente a sua vivência religiosa?

Será que, no espaço público, temos todos de nos comportar de uma maneira não-religiosa?

6. De facto, há quem se incomode com actos religiosos em âmbitos não especificamente religiosos. Mas parece que poucos se preocupam com atitudes claramente não religiosas em ambientes religiosos.

7. É cada vez mais frequente conversar, telefonar, beber e até fumar nas igrejas. Em muitos templos, é mais fácil ver um telemóvel do que um terço nas mãos das pessoas.

8. Para muitos, a fé é um assunto meramente privado, do foro íntimo. Paradoxalmente, esta restrição é determinada em nome da liberdade, da liberdade de não ser perturbado.

E a liberdade de intervir? A liberdade constrói-se não abafando o diferente, mas aceitando as diferenças.

9. Que oportunidade estamos dispostos a dar ao discurso crente em debates sobre temas como a eutanásia, o aborto ou a justiça social? Somos todos livres. Mas, na hora que passa, parece que uns são mais livres que outros.

10. Num tempo de «filias» e «fobias», muitos dão sinal de estar afectados por uma estranha «teofobia». Nesta época crescentemente «teofóbica», quem se disporá a ser coerentemente «teófilo»? Onde estão os «amigos de Deus»?

João António Pinheiro Teixeira, In DM 17.10.2017

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 409 – 5,00
- Família n.º 446 – 5,00
- Família n.º 4 – 10,00

TOTAL DA SEMANA – 20,00 euros
**A transportar: 11.472,40 euros
Despesas até agora: 23.233,14 euros**

Chamamos a atenção para o aumento da despesa nesta semana: passou para mais de 23.000, aumentando o défice. Porquê? Porque tivemos de fazer uma compra de papel para todo o ano (1402.20) e para nova aquisição de tintas foram mais 1484.03. Bem gostaríamos que os paroquianos colaborassem para a existência do boletim. Se cada um considerasse a oferta de um euro por semana, teríamos 50 euros por ano. Seria suficiente. Será pedir demais a muitos?

FORMAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS –

Na próxima quinta-feira, às 21.00 nas salas de catequese, teremos nova sessão de catequese de adultos orientada por responsáveis leigos da nossa Paróquia. Abertos a toda a gente, seria bom que muitos outros a frequentassem.

LOC/MTC – Vai reunir no sábado em Assembleia Diocesana de formação e lançamento do Plano e Acção para 2017/2018.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA – Na Igreja do Terço, no sábado das 16.30 às 17.30, pelos ex-ministros da Comunhão.

REUNIÃO DE PAIS DOS MENINOS DO 2º ANO – Com o objectivo de apresentar os objetivos para 2º ano de catequese os catequistas convidam os pais a participar numa reunião que terá lugar no próximo sábado, às 18.30, nas salas de catequese da Paróquia.

MUDANÇA DA HORA – Acontece na noite do próximo sábado para domingo: os relógios serão atrasados em uma hora, entrando-se, assim, na hora de inverno.

CONVÍVIO DOS PEREGRINOS DE FÁTIMA

– Todos aqueles que fizeram a peregrinação a pé a Fátima vão ter o seu momento de convívio, para partilha de experiências e de fotos e outras recordações. Será no próximo sábado, nas salas da catequese, após a missa das 19.00.

JORNADA DE REFLEXÃO PARA OS PADRES – Vai decorrer no Auditório Vita, em Braga, na manhã de terça-feira próxima, uma formação para os sacerdotes da Arquidiocese a propósito da recepção da Amoris Laetitia. Será dirigida pelo teólogo José Ramón Flecha.

MINISTROS EXTRAORDINÁRIOS DA COMUNHÃO

– Os novos ministros serão apresentados à comunidade no próximo domingo, após o fim de semana de formação em que estão a participar e que os prepara para o exercício deste ministério na comunidade, sendo nomeados pelo senhor Arcebispo Primaz. São eles: Ana da Conceição Silva Ferreira Araújo, Belmira da Conceição Pereira Ferraz Ramos Lopes, Maria da Conceição Bandeira e Santos Durães e Maria La Salette Oliveira Carvalho.

ARCA DE EMPREGO – PRECISAM-SE: (FONTE DO "I.E.F.P."):

– Assistente de venda de produtos alimentares ao balcão p/Barcelos, refª 588 795 880;

– Pasteleiro p/Barcelos, refª 588795863; – Operador de Máquinas de fabricar calçado p/Barcelos, refª 588 795 706;

– Operador de caixa p/Viana do Castelo, refª 588 796 011;

– Cozinheiro p/Barcelos, refª 588795742; – Técnico de Telecomunicações p/Barcelos, refª 588 795 684;

– Cabeleireiro/Barbeiro p/Vila Verde, refª 588 795 253.

PRECISAM-SE (DIVERSOS):

– Assistente de vendas p/Lojas "Intimissimi" e "Calzedonia" em Barcelos; e Lojas "C&A"/Viana do Castelo; contacto directamente no local.

– Operador/as de caixa p/"Auchan/Pão de Açúcar"/V.N. Famalicão.

– Senhora para cuidar de duas pessoas idosas, dia e noite. Mais informações no Cartório Paroquial.

DIZ QOHÉLET

Embora a vida chegue para tudo
E tenha cada coisa um tempo certo
Melhor é o de nascer que o de morrer
Melhor o de plantar que o de arrancar
Melhor é dar a vida que tirá-la
Melhor edificar que destruir
Melhor brincar e sorrir que lamentar-se
– e bem melhor dançar do que afligir-se.

Melhor juntar pedras que atirá-las
Melhor darmos abraços que enjeitá-los
Melhor é adquirir do que perder
Melhor será guardar que atirar fora
Melhor é ir cosendo que rasgando
Melhor guardar silêncio que falar
Melhor a gente amar-se que odiar-se
– e bem melhor ter paz do que ter guerra.

Sobre Qohélet 3, 1-8

TEMPO QUE FOGE!

Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para frente do que já vivi até agora. Sinto-me como aquele menino que ganhou uma bacia de jabuticabas. As primeiras, ele chupou displicente, mas percebendo que faltam poucas, rói o caroço.

Já não tenho tempo para lidar com me-diocridades. Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflamados. Não tolero gabarolices. Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobijando seus lugares, talentos e sorte.

Já não tenho tempo para projetos megalomaniacos. Não participarei de conferências que estabelecem prazos fixos para reverter a miséria do mundo. Não vou mais a workshops onde se ensina como converter milhões usando uma fórmula de poucos pontos. Não quero que me convidem para eventos de um fim-de-semana com a proposta de abalar o milênio.

Já não tenho tempo para reuniões intermináveis para discutir estatutos, normas, procedimentos parlamentares e regimentos internos. Não gosto de assembleias ordinárias em que as organizações procuram se proteger e perpetuar através de infindáveis detalhes organizacionais.

Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas, que apesar da idade cronológica, são imaturos. Não quero ver os ponteiros do relógio avançando em reuniões de "confrontação", onde "tiram os fatos à limpo". Detesto fazer carecação de desafetos que brigaram pelo majestoso cargo de secretário do coral.

Já não tenho tempo para debater virgulas, detalhes gramaticais sutis, ou sobre as diferentes traduções da Bíblia. Não quero ficar explicando porque gosto da Nova Versão Internacional das Escrituras, só porque há um grupo que a considera herética. Minha resposta será curta e delicada: – Gosto, e ponto final! Lembrei-me agora de Mário de Andrade que afirmou: "As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos". Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos.

Já não tenho tempo para ficar dando explicação aos medianos se estou ou não perdendo a fé, porque admiro a poesia do Chico Buarque e do Vinicius de Moraes; a voz da Maria Bethânia; os livros de Machado de Assis, Thomas Mann, Ernest Hemingway e José Lins do Rego.

Sem muitas jabuticabas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana; que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita para a "última hora"; não foge de sua mortalidade, defende a dignidade dos marginalizados, e deseja andar humildemente com Deus. Caminhar perto dessas pessoas nunca será perda de tempo.

Ricardo Gondim